



Projeto aposta em software

Educação Aplicativos para dispositivos móveis trazem inovações pedagógicas

O processo educacional da Grécia Antiga tinha como base a *Paideia* – sistema pensado para a formação completa de um “ser humano perfeito”, atingindo o auge do humanismo. A partir desse método, outros programas de educação surgiram para se adequar aos diferentes períodos históricos. No século XXI, é difícil separar o mundo on-line do off-line. Nesse contexto, a Faculdade de Educação da UFRGS pesquisa um Software

Educacional Livre para dispositivos móveis, servindo como ferramenta auxiliar nas salas de aula.

O projeto teve sua origem a partir da tradução do inglês de artigos da Wikipédia, o que acabou gerando a *Tabela Dinâmica Software Educacional Livre para Dispositivos Móveis*. A tabela conta com mais de 300 aplicativos e funciona no sistema de etiquetagem, ou seja, clicando em tags, se pode ir até o arquivo desejado, dentro da própria Wikipédia. O software está dividido em áreas do conhecimento, nível escolar e é organizado por ordem alfabética. Para tornar mais acessível, a organização se dá também por cores, que variam conforme muda a disciplina. A maioria das páginas foi traduzida para o português por meio de uma iniciativa coordenada pelo professor de Psicologia da Educação da UFRGS Paulo Francisco Slomp. “O objetivo é criar um

ambiente que ajude os professores na formação de alunos desde os anos iniciais até o ensino superior”, explicou. Como estratégia para dar maior visibilidade ao trabalho, o conteúdo é também disponibilizado em inglês, espanhol, francês, italiano e português europeu.

Criação livre – Houve um crescimento considerável no número de pessoas que acessam a internet por smartphones e tablets, inclusive entre a população infantil. Estudo feito pela E.Life (empresa especializada em pesquisas de comportamento referente às novas tecnologias) mostra que, até 2015, 53% dos usuários brasileiros acessavam a internet via dispositivos móveis. Como resultado disso, desde o ano passado, Slomp estrutura o mapeamento de um software livre educacional, com os aplicativos selecionados de forma minuciosa

entre os 1.700 disponíveis no repositório *F-Droid*, sendo desenvolvido para as plataformas *Android*, *IOS* e *Windows Phone* através do sistema operacional *Linux*.

Os softwares livres tiveram nos Estados Unidos o seu ponto de partida, onde, inclusive, os professores criam aplicativos de acordo com seu interesse pedagógico. A pesquisa pode ser feita por meio da licença *Creative Commons CC-BY-AS*. Outras licenças comumente utilizadas são as desenvolvidas pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), a *Apache* e a *GNU-GPL* (*General Public License*).

A grande inovação do repositório é o fato de ser gratuito e livre, com a possibilidade de o usuário criar tópicos no formato wiki, como frisa o bolsista e estudante de Matemática André Ferreira Machado: “Nem todo software gratuito é livre. Para um dispositivo

ser dessa forma, quem utiliza deve ter a liberdade de distribuir cópias modificadas por ele, para que outra pessoa possa, caso desejar, acrescentar seu conhecimento e passar adiante”. Dentre os aplicativos disponíveis, há jogos educativos. Segundo Slomp, é importante existir a possibilidade de gerar conteúdo nesses jogos, como é o caso do *Minecraft*, e não apenas memorizar. “Uma das principais heranças do software é o uso educativo dos computadores, e não apenas a utilização recreativa”, acrescenta.

Em julho do ano passado, Slomp e André apresentaram o projeto no 16.º *Encontro Mundial de Software Livre*, realizado na cidade francesa de Beauvais, colocando Porto Alegre no mapa de referências em softwares livres no mundo.

Acessibilidade – Há alguns anos, o Ministério da Educação disponibilizou aos professores *tablets* com alguns (poucos) aplicativos educacionais. Aqui no estado, todos os docentes do ensino médio da rede pública já receberam o produto. André alerta para a questão ética: “Alguns aplicativos fechados podem coletar informações do usuário e levá-las para outro lugar. Fica a dúvida de até que ponto isso é positivo, tendo em vista que há a possibilidade de crianças e adolescentes sofrerem espionagem”, explica o bolsista.

Não há como prever o número de usuários do dispositivo no Brasil. Desde o início de março, 2.100 pessoas compartilharam o projeto nas redes sociais, porém os idealizadores da pesquisa consideram que, por meio do compartilhamento, outras pessoas também tenham acesso, tornando difícil fazer um cálculo exato. Em um curto período, o software educacional livre poderá se tornar peça-chave no desenvolvimento de alunos, independentemente do grau escolar, servindo inclusive para estudantes sem condições de arcarem com um curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para o vestibular.

Kayan Moura, estudante do 4.º semestre de jornalismo da Fabico



O software deve ser capaz de estimular o uso educativo dos dispositivos, e não apenas sua utilização recreativa

Dois-pontos

Antônio Falcetta, revisor
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

► Teorias, teorias!

Por uma necessidade de bússola, como quem sobe um paredão à unha, olhos vendados, busco teorias. Afinal, em algum momento elas devem ser imprescindíveis. Ainda mais diante dos atos de linguagem exponenciados pelo cenário *sui generis*. Nessa espécie de desespero, a primeira que me ocorre é a do Agir Comunicativo, de Habermas. Propõe uma teoria orgânica da racionalidade crítica e comunicativa, fundada sob a dialética entre o agir instrumental e o agir comunicativo. Sendo a linguagem o princípio base da razão comunicativa, ela constitui o lugar em que se dão as interações sociais no mundo da vida. E mediatiza toda a relação

significativa entre os sujeitos e os objetos, o que pressupõe entendimento mútuo sobre o sentido das palavras e sobre o sentido de ser das coisas e das ideias. Sem a linguagem e o entendimento mútuo – que proponho como *dialogia* –, não temos nem conhecimento nem acesso ao conjunto de valores que cada um de nós individual ou comunitariamente “vive” de maneira espontânea.

Para se dar um dos princípios básicos da comunicação, ou seja, a compreensão entre os sujeitos, há, portanto, o pressuposto de reciprocidade. E isso implica permeabilidade, permuta de sentidos, além da consideração de se tratar a verdade algo inacabado, fugaz. Sem reciprocidade, fixa-se a monologia. Prevalece, pois, a apologia à verdade. Sob essa condição, nada mais há

a ser dito. E isso dá espaço a uma retórica tautológica, que mascara a ausência de sentido pela repetição.

Tudo muito claro (?) nessa primeira tentativa, vamos à teoria de Maniqueu, uma vez que, sob as circunstâncias improprias a reflexões, viraliza o raso. A polaridade das posições, que se embasada em informações e opiniões descoladas da experiência, fecha as comportas.

Especulemos, providencialmente, parte do caminho teórico proposto pelo catalão Jorge Larossa, que aponta a ‘descategorização da experiência’ protagonizada pela vida moderna mediada/midiada. Pautados pela segurança e pela preservação, não nos expomos, não somos expostos, e a experiência, essa possibilidade

de sentir as particularidades do mundo e de nós, se reduz ao conhecimento pronto, às teorias repetidas e previsíveis, ao produto consumível que se pretende conhecimento.

Enfim, temos uma monologia generalizada de tendência maniqueísta roteirizando uma existência terceirizada. Constitui-se, assim, uma sociedade dura, reprimida, contaminada pela falta de sensibilidade solidária, de ética, de história. Pensavam agora se os haitianos, entre os demais migrantes que aqui buscam a sua sobrevivência, vieram ao lugar certo na melhor hora. Não generalizemos, abortemos essas matrizes, pois estão à mesa projetos – e não paixões nem idioletos (que refletem pessoalidades) – orientados por direitos e necessidades viscerais de muitos entre nós.